

## NOVAS TECNOLOGIAS E O TRABALHO DOCENTE NA MODALIDADE ENSINO A DISTANCIA

Sergio Antunes de Almeida<sup>1</sup>

Simone Wolff<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca contribuir para o debate atual sobre o advento do Ensino a Distância e a subjetividade da parcela da classe trabalhadora docente inserida no processo de reestruturação produtiva no setor da educação que vem se intensificando nas Instituições Educacionais públicas e privadas desde a década de 1990.

Assim, o estudo analisa a atividade do trabalhador docente frente ao fenômeno da globalização do capital e suas estratégias de expandir suas formas de exploração econômica, política e cultural, especificamente em uma de suas vertentes, o mercado da educação a distância alavancado pelas tecnologias da comunicação e informação – TIC's. O objetivo é verificar como essas tecnologias atuam sobre o processo e condições de trabalho docente nessa modalidade de ensino. O presente texto baseia-se numa pesquisa feita em instituição privada de Ensino Superior (IES), aqui denominada Instituição Y, situada no Norte do Paraná, detentora de 35% do mercado de ensino a distância no Brasil que fornece essa modalidade de ensino (EAD) com uso intensivo de TICs, e mostra como a relação capital-trabalho, nessa instituição, ao reificar o trabalho do professor, contribui para reduzir a educação a mera mercantilização do diploma.

A Instituição Y é uma das instituições pioneiras a oferecer um sistema de ensino presencial conectado que permite a interatividade aluno/professor em tempo real. Em 2002, a Instituição Y implantou seu sistema de Ensino a Distância, que hoje funciona com mais de 900 salas espalhadas por 24 Estados do País. Nestas salas, mais de 100 mil alunos contam com recursos de tele-aulas via satélite, recursos da Internet e do ambiente

---

<sup>1</sup> Preletor: Sergio Antunes de ALMEIDA é Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina – UEL e professor do Instituto Politécnico de Londrina (IPOLON). E-mail: [sergan33@yahoo.com.br](mailto:sergan33@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Simone WOLFF é professora do Depto. de Ciências Sociais da UEL, Doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP, e coordenadora do Grupo de Estudos sobre Trabalho e Novas Tecnologias – GENTT. E-mail: [swolff@uel.br](mailto:swolff@uel.br).

WEB, além de material impresso e digital. Já são mais de 200 municípios participantes do sistema, em vários Estados brasileiros<sup>3</sup>.

Para esse processo, além das TIC's, a Instituição Y recorreu aos novos parâmetros gerenciais inspirados na Gestão para a Qualidade Total e administração participativa, adotados pelas grandes empresas desde a reestruturação produtiva engendrada pelo contexto neoliberal. O principal escopo desse tipo de gestão é mudar o comportamento dos trabalhadores visando garantir seu envolvimento em conformidade com o novo padrão de produtividade e competitividade assinalado pela globalização da economia (Cf. WOLFF, 2005). No setor da Educação, esses novos parâmetros se refletem no binômio "Qualidade Total e Educação", difundido no país, sobretudo na década de 1990, o qual introduziu uma perspectiva privatista neste campo de atividade de acordo com a política-econômica do período.

De acordo com Gentili (1995, p.209):

Na esfera educativa, a idéia da "excelência" mobiliza a competitividade entre as instituições, entre os alunos e os docentes. Não raramente, ela vem seguida de uma ênfase exacerbada na medição, nos critérios padronizados para averiguação dos êxitos cognitivos dos alunos e da produção docente, sugerindo que o simples ordenamento hierárquico diagnóstica e melhora por si mesmo a situação educacional. Além disto, a padronização permite localizar, na massa dos sujeitos individualizados (professores ou alunos), aqueles que são mais dotados, com o objetivo de colocar à sua disposição os melhores recursos.

É nesse sentido que a instituição pesquisada se encontra num campo e situação oportunos para a análise das novas configurações das relações entre capital e trabalho no setor educacional, particularmente no que concerne à análise dos seus efeitos para o processo de trabalho docente.

O que há de novo nesse processo é o fato de que as TICs são uma tecnologia que tem a capacidade de transformar esta dimensão imaterial da força de trabalho em matéria prima, em insumo do processo de produção. Assim, na modalidade EAD como na Indústria moderna, os *softwares* se apropriam da informação e do conhecimento do trabalho docente (aulas gravadas, procedimentos didáticos diversos) transformando o trabalho vivo em trabalho morto.

---

<sup>3</sup> A instituição oferece concursos vestibulares a cada seis meses. Em julho de 2007 esse número deverá aumentar em cerca de 20.000 alunos. (Dados obtidos junto ao seu setor de vestibulares).

A hipótese que norteou este trabalho é que tais inovações são tanto ou mais vantajosas, do ponto de vista da empresa, quando combinadas com a extração do saber do trabalho vivo docente. Esta incrementação é obtida através da implementação de novas políticas de gestão do trabalho inspiradas na chamada “administração participativa”, com vistas a incentivar a participação das experiências docentes de maneira a aperfeiçoar os *softwares* e padronizar o manuseio do novo maquinário informatizado que integra o EAD, uma das condições básicas da reestruturação nesta modalidade de ensino.

#### 1. PROCEDIMENTOS DA PESQUISA.

A pesquisa se centrou em dois aspectos. Primeiramente, procedeu-se ao mapeamento e descrição das mudanças no processo de trabalho docente viabilizadas pela aplicação das TIC's e da chamada administração participativa na instituição pesquisada. Nessa fase, foram levantados dados relativos à sua atual estrutura-organizacional, ao histórico do seu processo de reestruturação e às modificações mais significativas que este operou comparativamente ao seu antigo padrão de produção. Para tanto, foram utilizados documentos e informativos internos da empresa, bem como entrevistas com funcionários das áreas: Administrativa (Depto. Pessoal, secretárias de cursos, Depto. de Vestibular), Pedagógica (coordenadores de curso, professores, tutores eletrônicos e tutores de sala), tendo como critério de seleção aqueles que participaram desse processo desde o seu começo.

Com base nos dados levantados, estabeleceu-se um recorte mais preciso em torno das funções de Tutor Eletrônico e Professor Especialista, tendo em vista que são aquelas que correspondem aos docentes que atuam diretamente na modalidade EAD. Ao Tutor Eletrônico são atribuídas as tarefas de mediação entre professor e alunos no momento da tele-aula, além de correção de trabalhos, provas, TCCs<sup>4</sup> e orientações gerais aos alunos via meios eletrônicos. Estas últimas tarefas são realizadas em domicílio. Ao professor Especialista são atribuídas as tarefas de preparar e ministrar a tele-aula (com duração de 90 minutos ininterruptos), além da coordenação da aula on-line (com duração de 60 minutos) e orientações de alunos via Internet.

---

<sup>4</sup> Trabalhos de Conclusão de Curso.

A partir disso, foram realizadas novas entrevistas com esses docentes visando a compreender o funcionamento dos seus respectivos processos de trabalho, e a sua percepção sobre tais inovações.

Ao todo foram realizadas 67 entrevistas, através de formulários, com tutores eletrônicos, 33,5% do número de profissionais efetivos na época. Quanto aos professores especialistas, as entrevistas foram gravadas e transcritas. Em ambos os casos, foi preservado o anonimato dos entrevistados.

## 2. O PROCESSO DE TRABALHO DOCENTE SOB O EAD.

No sistema EAD da Instituição Y, os alunos matriculados recebem aulas ao vivo, via satélite por intermédio de computadores instalados na instituição, que permitem a interatividade com o professor. Um telão ou aparelho televisor apresenta o conteúdo ao vivo – ou seja, o professor dando a aula em tempo real –, sendo o computador utilizado para a comunicação com o Professor Especialista, mediante o auxílio presencial de um Tutor Eletrônico. Além da aula expositiva, o Professor Especialista pode recorrer a trechos de filmes, slides, fotografias, arquivos de texto e qualquer outra mídia necessária ao seu conteúdo.

A mesma aula pode ser assistida por um número ilimitado de estudantes, tanto em tempo real como através de uma “biblioteca digital”, onde as aulas ficam armazenadas, para uso exclusivo dos alunos da Instituição, podendo ser acessadas a qualquer momento, desde que dentro do calendário escolar estabelecido pela Instituição.

Após a estabilização do sistema, período que levou dois anos, três professores que colaboraram com este processo como coordenadores foram demitidos. Não houve nova contratação para preenchimento destes postos, outros docentes foram remanejados para cumprir suas funções sem a equiparação de cargo e salário.

Segundo um dos coordenadores demitidos isso ocorreu por que “todo o processo já tinha sido montado e agora era só administrar o fluxo de informações vindo das unidades (pólos). Agora ficou mais fácil, pois os computadores armazenaram a rotina de trabalho”.

A eliminação destes postos de trabalho evoca a análise de Freyssenet (1989) sobre a o desenvolvimento da automação sob a produção capitalista, a qual torna possível a padronização das normas de produção nas tarefas produtivas mediante a incorporação, e conseqüente substituição, das atividades complexas na e pela

maquinaria. Com efeito, as TIC's levaram ao limite esta faceta ao agregar uma dimensão organizacional em seu maquinário, estendendo esses efeitos para as atividades de gerência/coordenação (Cf. Wolff, 2004).

No processo de Ensino à Distância, as TIC's, utilizadas ao mesmo tempo como meio de automação e de produção, se apropriam e reproduzem por meio de gravações do conteúdo ali instalado (aulas) as funções docentes que, assim, passam a ser subordinadas ao manuseio do aparato tecnológico para a preparação de aulas. Além do enxugamento acima mencionado, a consequência deste tipo de automação foi uma simplificação e desvalorização do trabalho vivo, no caso o trabalho docente<sup>5</sup>; o que remete a análise de Marx sobre os efeitos da aplicação capitalista da maquinaria nos processos produtivos:

Quando a máquina passa a manejar a ferramenta, o valor de troca da força de trabalho desaparece ao desvanecer seu valor de uso. O trabalhador é posto fora do mercado como o papel-moeda retirado da circulação. A parte da classe trabalhadora que a maquinaria transforma em população supérflua, não mais imediatamente necessária à auto-expansão do capital, segue uma das pontas de um dilema inarredável: ou sucumbe na luta desigual dos velhos ofícios e das antigas manufaturas contra a produção mecanizada, ou inunda todos os ramos industriais mais acessíveis, abarrotando o mercado de trabalho e fazendo o preço da força de trabalho cair abaixo do seu valor (Marx, 1985, p. 492-3).

Na primeira fase de implementação do EAD na Instituição Y, os professores especialistas foram bastante demandados para elaborar e concluir conteúdos. Na segunda fase, porém, quando esses conteúdos foram selecionados e definidos como parâmetros para conceber os programas didáticos, tal demanda diminuiu significativamente dada a sua incorporação no sistema, reduzindo igualmente o cabedal de habilidades docentes requeridas.

Nota-se, aqui, o “fenômeno da inversão da requalificação” que Freyssenet aponta como próprio da introdução do automatismo na produção (Freyssenet, 1989, p. 109). Ou seja, se num primeiro momento, novas qualificações passam a ser exigidas para lidar com a nova maquinaria, em um segundo momento o trabalho vivo volta a ser simplificado, ainda que em novas bases.

---

<sup>5</sup> Nesse aspecto desde 2004 não houve nenhum reajuste no valor da aula dada, apesar do expressivo aumento do número de “clientes” (alunos).

Com efeito, na Instituição Y, o professor é levado a buscar novas aptidões exigidas pelo novo aparato tecnológico deixando de lado outros aspectos de sua formação. O trabalho docente é, assim, redefinido em termos de qualificação/polivalência ditada pelo manejo das TIC's nos moldes do trabalho operário, em detrimento do trabalho artesanal, de pesquisa e reflexão, próprio à elaboração de aulas. Sua especialização é, assim, preterida em favor de uma qualificação de cariz operário.

Em uma modalidade de ensino cujo principal alvo é a *quantidade* de alunos (“clientes”), tal padronização/simplificação das atividades docentes representa uma estratégia eficaz para ampliar o número de estudantes por professor. Conforme relata uma tutora:

Nós padronizamos um modelo de correção de trabalho dos alunos. Assim o tutor eletrônico que entra pode aprender rapidamente a corrigir os textos. Se não for assim a gente não consegue vencer, por que são muitos alunos para cada tutor. Já tive uns 600 sob minha responsabilidade num semestre.

Em vista disto, para os novos docentes que se inserem nesse processo a questão da *qualidade* do ensino, qualidade esta que corresponde diretamente à sua especialização, fica em segundo plano. É isto que se depreende da fala de um professor especialista recém-contratado:

A coordenadora pediu que eu assistisse à aula gravada da professora (demitida), e ver o conteúdo da aula dela. Vou verificar a postura, a comunicação e o conteúdo porque tenho que assumir estas aulas e este assunto (...) não é minha especialidade.

A ênfase na quantidade em detrimento da especialização lembra aquilo que Coriat (1976) denomina como a chave do sistema taylorista: a expropriação do saber-fazer pela padronização dos procedimentos de trabalho. Porém, em novas bases, isto é, não mais a partir da dimensão física das atividades produtivas, padronização dos tempos e movimentos, tal como se deu nas origens do taylorismo, mas da capacidade de idealização, o que remete a uma taylorização/padronização das capacidades cognitivas do trabalho vivo. No caso, a redução do saber complexo, aos seus elementos simples mina aquilo que conferia autonomia sobre os procedimentos do trabalho docente, com

graves conseqüências à sua criatividade. Ou seja, justamente aquilo que, nos processos tradicionais, caracteriza a sua atividade.

De resto, a simplificação/mecanização de seu processo de trabalho permite dispensar o trabalhador docente ou trocá-los à base de salários inferiores; o que é apresentado como um “incentivo” por um coordenador do EAD:

Estamos dando oportunidades a tutores eletrônicos para substituírem alguns professores especialistas nos cursos de Administração e Pedagogia. Isso vai incentivá-los a buscarem mais qualificação, pois terão um ganho a mais e ao mesmo tempo aproveitamos as “pratas da casa”, que já conhecem o sistema.

Embora freqüentemente um modo operatório seja imposto ao tutor eletrônico e ao professor especialista, o processo de expropriação do seu saber-fazer nunca se esgota completamente. Antes, retroalimenta continuamente certos parâmetros que escapam aos “idealizadores”<sup>6</sup> e planejadores do trabalho, os quais têm a ver com o seu saber tácito, que decorre de sua experiência concreta nascida do cotidiano particular de trabalho nos moldes tradicionais. É assim que se otimizam os *softwares* do EAD na Instituição Y, o que alude ao processo de reificação do trabalho vivo pela prevalência do trabalho morto descrito por Marx (s/d) no Capítulo VI. As aulas que o professor recém contratado encontrou gravadas e embutidas nos sistema de informação da Instituição Y, isto é, o trabalho morto, são os saberes tácitos, reificados, dos docentes que o antecederam.

É importante ressaltar que tal reificação é ensejada, em grande medida, pela mediação da gestão participativa e seu discurso da “colaboração” com a gerência. Wolff (2005) analisa como a informatização dos processos de trabalho aplicada sob os princípios toyotistas dos quais decorrem a gestão participativa concorre para a reificação da criatividade do trabalhador:

Sob o arrimo dos dois pilares mestres de tal reestruturação: a informatização da produção e as novas formas de organização do trabalho, ambas amplamente baseadas nos preceitos da Qualidade Total, os trabalhadores são constrangidos a pensar para o capital.

---

<sup>6</sup> A rotina de aula e de outras atividades do trabalho docente é idealizada em conjunto por coordenadores de cursos e coordenadores da área de informática da instituição.

Logo, segundo a lógica daqueles que os exploram (Wolff, 2005, p.78).

Nesse mesmo sentido, Bianchetti (2001, p. 161) afirma que, apesar de paradoxal, posto que padronização e flexibilidade são termos contraditórios, “o objetivo de padronizar produtos e serviços está no âmago das propostas de reestruturação de qualquer empresa em busca da Qualidade Total”. Para os trabalhadores envolvidos nesse processo, esse paradoxo se traduz da seguinte maneira: “se não explicitam seu saberes, objetivando-os em criações, não são contratados ou são dispensados/demitidos; se os explicitam, serão expropriados em seus saberes e nas condições humanas materiais de produção da sua existência” (Ibidem, p. 189).

O autor se refere a este quadro como “neobravermaniano”, ou seja, onde as novas formas de organização do trabalho se mesclam aos velhos padrões tayloristas para otimizar as potencialidades das TIC’s deixando aos trabalhadores-operadores a discrepante tarefa de cumprirem “funções prescritas, que são saberes tácitos objetivados em *softwares*” e “dar respostas singulares frente a eventos imprevistos” (Ibidem, p.195). Ou, como no caso do trabalho docente, respostas criativas ante as eventuais novas dúvidas colocadas pelos alunos sobre o conhecimento fixado nas mídias em que se veiculam os cursos da instituição.

Vejamos, pois, como este paradoxo se reflete na percepção dos trabalhadores docentes do caso investigado.

### 3. O TRABALHADOR DOCENTE FRENTE ÀS NOVAS TECNOLOGIAS

O primeiro aspecto a se tratar na discussão do trabalho docente sob as novas tecnologias é a relação do professor quando empregado como trabalho produtivo, isto é, para fins lucrativos. De acordo com Marx (1985 p.275), “serviço é nada mais que o efeito útil de um valor de uso, seja na mercadoria seja do trabalho”. Quando se paga por um serviço com a finalidade de voltar a vendê-lo por um preço maior do que aquele pelo qual ele foi comprado, ele se torna uma mercadoria e, enquanto tal, pode gerar lucro para quem o vende. Como uma instituição privada, este é o objetivo maior da Instituição Y quando compra/paga pela atividade docente para vendê-la aos alunos/clientes nela matriculados.

Nos estabelecimentos de ensino, por exemplo, os professores, para o empresário do estabelecimento podem ser meros assalariados; há



grande número de tais fábricas de ensino na Inglaterra. Embora eles não sejam trabalhadores produtivos em relação aos alunos, assumem essa qualidade perante o empresário. Este permuta seu capital pela força de trabalho deles e se enriquece por meio desse processo. O mesmo se aplica às empresas de teatro, estabelecimentos de diversão etc. O ator se relaciona com o público na qualidade de artista, mas perante o empresário é trabalhador produtivo. Todas essas manifestações da produção capitalista nesse domínio, comparadas com o conjunto dessa produção, são tão insignificantes que podem ficar de todo despercebidas. (Marx, 1985, p.13).

Viu-se que, na Instituição Y, as TIC's são aplicadas de forma a incorporar os conhecimentos tácitos dos trabalhadores aos seus *softwares* didáticos. A racionalização do trabalho que ocorre nesse processo simplifica e, por conseguinte, aumenta a produtividade do trabalho docente ao viabilizar o aumento do número de alunos/clientes por professor em escala sem precedentes. A função do professor, neste caso, é o de encenar, decorar um texto pronto.

Com isto, a “habilidade” mais requerida do Professor Especialista na modalidade EAD acaba sendo referida à sua capacidade de comunicação frente às câmeras. Ou seja, prevalece o “animador” sobre o docente. Como relata dois dos professores especialistas entrevistados:

- 1) Grande parte do trabalho é a tarefa de se adaptar ao mecanismo tecnológico, atuar diante das câmeras e observar rigorosamente o tempo de cada assunto abordado. A margem do que pode ser alterado no processo de trabalho também é restrita.
- 2) Estou assistindo a aula da professora para aprender a maneira que ela leciona.

Quanto ao Tutor Eletrônico, por seu turno, desde a reestruturação educacional na instituição em 2002, um dos requisitos fundamentais para a sua contratação é a habilidade no uso da tecnologia como forma de mediar e sanar as dúvidas dos alunos e contribuir para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de rotinas de trabalho postas no sistema.

Desse modo, tanto a dimensão midiática como a automatização proporcionadas pelas TIC's colocam a necessidade de um novo modelo de professor, flexível e polivalente e “qualificado” para o seu manejo.

É justamente esta demanda por habilidades adaptativas e comportamentais que requer padrões mais flexíveis (toyotistas) de organização do trabalho. A administração

participativa contempla uma qualificação de selo generalista com vistas a estimular nos trabalhadores a “colaboração” com a gerência através de atitudes comportamentais tais como: trabalho em equipe, capacidade de enfrentar mudanças permanentes, rapidez de respostas e criatividade diante de situações de pressão e imprevistas, além de comunicação clara, interpretação, análise, síntese e uso de diferentes formas de linguagem. Ou seja, uma polivalência altamente demandada pelas mídias próprias ao EAD.

A figura do trabalhador polivalente já aparecia na clássica análise da maquinaria sob a grande indústria realizada por Marx (1984, p. 89):

A indústria moderna nunca encara nem trata a forma existente de um processo de produção como definitiva. (...) Por meio da maquinaria (...) ela revoluciona de forma contínua, com a base técnica de produção, as funções dos trabalhadores e as combinações sociais do processo de produção. (...) A natureza da grande indústria condiciona, portanto, variação do trabalho, fluidez da função, mobilidade, em todos os sentidos, do trabalhador.

Esta qualificação fluída é o efeito direto da prevalência das máquinas (trabalho morto) sobre o trabalho vivo pela cristalização de seus antigos saberes na tecnologia. Destarte, longe de esta polivalência significar um enriquecimento das atividades produtivas, representou o meio mais eficaz de se privatizar estas habilidades para fins de lucratividade. Esta prevalência representou uma revolução relativamente à base técnica anterior, manufatureira, onde o ofício (trabalho especializado), embora parcelado, ainda predominava. Por conseguinte, o processo de produção ainda dependia fundamentalmente das virtuosos do trabalho vivo, o que deixava os capitalistas vulneráveis a insubordinações (Cf. Marx, 1984).

Assim como na manufatura, no trabalho docente tradicional a especialização advém de um conteúdo adquirido e (academicamente) comprovado. Esse conhecimento lhe confere autonomia sobre os elementos que compõem os seus processos de trabalho (pesquisa, didática, materiais de ensino etc.). Ressalte-se que é uma autonomia bem maior do que aquela encontrada na manufatura clássica, isto é, de transformação da matéria, posto que é um tipo de trabalho em que a gerência não possui legitimidade para exercer a função de controle direto sobre o seu *modus operandi*.

Tendo em vista que o EAD é uma modalidade de ensino recente, as técnicas desenvolvidas em sala de aula através de experiências no ensino tradicional ainda são amplamente desconhecidas pelos coordenadores e gerentes de sistemas. Portanto, quando ainda se dava longe da “gerência”. Na Instituição Y, os professores não receberam nenhuma espécie de treinamento para exercerem o trabalho. Assim, cada um à sua maneira, desenvolveu métodos de trabalhos próprios, sem que a coordenação pudesse interferir nesse processo. Conforme depoimento de um professor que atua há três anos no sistema:

No começo eu não tinha noção de tempo e nem familiaridade com o sistema. Aos poucos fui pegando meu jeito de trabalhar e abandonei o modelo. Agora eu mesmo vejo e controlo a aula que vou dar.

É interessante notar que com o crescente domínio do sistema pelos docentes, desenvolvem-se também novos tipos de resistência como forma de burlar a “fiscalização” dos seus trabalhos pela gerência; dado que este tipo de controle é estranho na docência tradicional e na medida em que o EAD supõe uma maior distância entre o professor e o seu trabalho, o que dificulta tanto mais o seu gerenciamento. Como nos relata um dos professores especialista entrevistado:

Com relação à aula-atividade<sup>7</sup> a coordenação determina que a gente permaneça o tempo todo no *Chat* respondendo às questões dos alunos. A atividade pode ser mediada pelo tutor de sala, então não é necessário que eu perca meu tempo na frente do computador sem fazer nada, ou respondendo uma ou outra questão que pode ser respondida pelo tutor de sala.

Desse modo, na Instituição Y, as novas tecnologias igualmente servem como uma forma de controlar o docente e evitar este tipo de macete. É o que se depreende da fala de uma coordenadora:

Estamos sabendo de um professor que não estava presente na instituição na hora da aula-atividade. Não é permitido participar da aula-atividade em casa. Sabemos disso porque o sistema rastreou o computador desse professor e da próxima vez quem fizer isso, levará uma advertência por escrito.

---

<sup>7</sup> Aula-atividade é realizada via “chat” entre aluno/tutor eletrônico/professor em momento diferente da tele-aula.

Conforme Marx (1985, p.44), a principal dificuldade na fábrica automática consiste em sua “disciplina necessária, em fazer os seres humanos renunciar a seus hábitos irregulares no trabalho e se identificar com a invariável regularidade do grande autômato.” O que indica que somente a maquinaria não é suficiente para controlar os trabalhadores, sendo necessário o auxílio da gerência. O depoimento de uma tutora eletrônica sobre a tentativa de controle do seu trabalho em domicílio reflete o estranhamento decorrente desta injunção percebido na sua resistência em se adequar a esta nova modalidade de ensino:

Sei que o sistema pode fiscalizar se o meu computador esteve conectado durante o meu período de trabalho. Eu entro no sistema, coloco minha senha e entro no portfólio. Abro algum trabalho enviado por alunos e deixo aberto. Aí eu vou fazer as minhas coisas, limpar minha casa, cuidar do meu filho, isso quando estou trabalhando em casa.

Nesse sentido, o discurso da administração participativa contribui amplamente para amenizar este tipo de conduta, como se pode inferir de um aviso colocado no fórum de discussões da Instituição Y:

Conforme sugestão e orientação da Professora (...), para discussão de elaboração do Manual, deveria ser realizado um esboço para que os demais tutores possam contribuir com sugestões, alterações para que venham agregar valores para esse manual.

Segue anexo o material inicial, o texto está em Word para que possam fazer as alterações que desejarem.

Quero registrar meus agradecimentos ao aluno (...) que me forneceu o material para esse trabalho.

Abraços e boa semana a todos.

Verifica-se, aqui, a tentativa de se proceder a um envolvimento participativo do tutor eletrônico, e também do próprio aluno, de modo a incorporar os seus conhecimentos no sistema pela mediação da gerência. Dessa forma, é possível pesquisar formas mais eficientes de realizar determinadas tarefas que são conseguidas nos fóruns de discussões, abertos para esse fim. Com base nisso, estabelecem-se metas de produtividade, distribuindo número de alunos para cada tutor eletrônico e a velocidade do trabalho, estipulando prazos para seu cumprimento. Além disso, os

planejadores instituíram que as aulas sejam gravadas e disponibilizadas para acesso dos alunos a qualquer tempo, sem que o professor tenha direitos sobre ela.

Em contrapartida, os docentes aos poucos se transformam em meros executores de uma tarefa anteriormente pensada pelo “gerente” (coordenação), o que reitera, mais uma vez, o “fenômeno da inversão da requalificação” apontado por Freyssenet (1989).

Assim, apesar de existirem diferenças conceituais entre fordismo/taylorismo e toytismo, estes se mesclam e se complementam na Instituição Y, como forma de aumentar a produtividade do trabalho docente via uma crescente racionalização do seu processo de trabalho. Braverman (1987) já havia indicado a tendência do taylorismo em se difundir para além das indústrias e proporcionar uma eficiente maneira de aumentar o controle e produtividade nas tarefas do escritório e serviços. Este estudo revela que, devidamente atualizado pela gerência participativa, a administração metódica do trabalho também pode ser eficaz no serviço de EAD.

Como consequência, no âmbito de uma IES privada o processo pedagógico em educação à distância, reestruturado pelas TIC’s, se torna condição para as seguintes características emergirem: organização, formalização, padronização e adoção de métodos racionais, tanto dos cursos como do trabalho preparatório das aulas, por parte do setor de planejamento, o que incorre em uma dependência do trabalho docente que, assim, passa a ficar cada vez mais dependente de uma administração centralizada com a consequente mudança de função e (d) especialização dos professores envolvidos.

O efeito desta “industrialização” do trabalho docente pode ser observado pelo depoimento de um professor especialista:

O setor de planejamento determina o número de slides para exposição em cada aula, o que delimita o tempo de abordagem de cada tema, exercendo um condicionamento do professor ao sistema. Nosso trabalho se tornou mecânico, não transmito aquilo que aprendi, faço o que o sistema burocrático impõe que, por sua vez, é dependente do sistema tecnológico. E isso na disciplina de filosofia é catastrófico!

Cabe, portanto, perguntar como o paradoxo, anteriormente demonstrado, relativo à redução da faculdade de pensar própria do conteúdo do trabalho docente incide sobre a qualidade de ensino na modalidade EAD.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É certo que as possibilidades educacionais que se abrem para um país com dimensões continentais como o Brasil, são importantes visto que em 70% dos municípios não há ensino superior. Além disso, no desenvolvimento destas novas metodologias de EAD, a utilização de estratégias e ações com base nos conceitos de interatividade e comunidades virtuais pode contribuir de forma decisiva para diminuir o índice de exclusão educacional existente no país.

Porém, conforme os dados apontados aqui, no que se refere especificamente ao trabalho docente associados às novas tecnologias sob o interesse de investidores privados, o que se verifica é a expansão do mercado educativo, ampliando o alcance e acelerando substancialmente a reprodução do capital também na esfera da educação mediante a otimização das suas formas de exploração do trabalho vivo. Nesse aspecto, aos setores da educação do governo nacional cabe desenvolver políticas de EAD que levem em conta os efeitos que interesses prioritariamente privados geram sobre as condições do trabalho docente nesta modalidade de ensino, tendo em vista que a precariedade que se pode instaurar nas atividades acadêmicas, quando desenvolvidas para fins de lucratividade, pode onerar na sua qualidade.

## Referencias Bibliográficas

BIANCHETTI, Lucídio. **Da Chave de Fenda ao laptop**. Tecnologia digital e novas qualificações: desafios à Educação. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista**: a degradação do trabalho no Século XX. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

CORIAT, Benjamin. O Taylorismo e a expropriação do saber operário. In : PIMENTEL, Duarte et. alii. (Orgs.). **Sociologia do Trabalho – Organização do Trabalho Industrial**: Antologia. Lisboa: A Regra do Jogo Edições, s/d.

DANTAS, Marcos. Informação e Trabalho no Capitalismo Contemporâneo, **Lua Nova**, Rio de Janeiro, 2007.

FREYSSENET, Michel. A divisão capitalista do trabalho. **Tempo Social**; Revista de Sociologia da USP, São Paulo, 1989, 1(2), p. 74-82.

FREYSSENT, F. A divisão capitalista do trabalho. **Tempo Social**. USP, SP, 1989.

GENTILI, Pablo; SILVA, Tomás Tadeu (Orgs.). **Neoliberalismo, qualidade total e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MARX, Karl. Capítulo VI inédito de O Capital. São Paulo: Moraes, s/d.

\_\_\_\_\_. **O Capital**: crítica da Economia Política. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

\_\_\_\_\_. **O Capital**: crítica da Economia Política. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Economistas)

WOLFF, Simone. **Informatização do Trabalho e reificação**: uma análise à luz dos programas de qualidade total. Campinas: Editora da Unicamp; Londrina: Eduel, 2005.

\_\_\_\_\_. **O espectro da reificação em uma empresa de telecomunicações**: o processo de trabalho sob os novos parâmetros gerenciais e tecnológicos. 2004, Tese (Doutorado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH / UNICAMP, Campinas.